

Balbuicios a partir da fronteira sul: corpos inconvenientes em entre-lugares/paisagens fronteiriças

Babbling from the south-border: inconvenient bodies in between-places/border landscapes

Dênis Angelo Ferraz

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-9130-754X>

e-mail: denisferraz_une@hotmail.com

Marta Francisco de Oliveira

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5212-5361>

e-mail: martisima@gmail.com

Recibido: 10/10/2021
Aprobado: 12/12/2021

RESUMO

Objetivando uma leitura crítico-biográfica fronteiriça acerca das possibilidades de pensamento - ou episteme - local, erigimos esta reflexão tendo em vista que o modelo hegemônico caracterizado pelo fazer científico e a razão moderna/colonial tentam invisibilizar, e desconsiderar, qualquer forma de pensar não pautada por essa razão científica, e pela visão histórica de mundo. Assim, tal condição ressalta, como uma ferida colonial (Anzaldúa, 2007), a permanência de formas de hierarquização do pensamento, ferida que permanece aberta nos corpos fronteiriços. A reflexão sobre tais oportuniza que busquemos um diálogo, contemplando a “transgressão como forma de expressão” (Santiago, 2019, p. 28), num posicionamento crítico e político que aponta a uma confluência com a desobediência epistêmica, debatida por Walter Mignolo, tomando essa transgressão como expressão que se erige a partir de corpos que acabam por se tornarem inconvenientes (Santiago, 2019). Nosso intento, à guisa das propostas teóricas elencadas, guia-se por um pensamento outro, como alternativa ao pensamento hegemônico, um pensar descolonial, não como simples superação do colonialismo, mas como uma opção estratégica, ao mesmo tempo epistemológica, social e política, visando transgredir padrões impostos, para assim pensar a questão dos corpos inconvenientes fronteiriços, bem como minha própria condição de corpo fronteiriço, que ousa pensar e escrever dessa/nessa fronteira-Sul. Evidenciamos, assim, a relevância de se tecer a leitura proposta, como uma epistemologia do Sul (Santos; Meneses, 2010), que por sua vez busca valorizar as sensibilidades, histórias e saberes locais, provenientes da fronteira-Sul (Bolívia, Brasil, Paraguai), afirmando sua condição bio-geográfica (Bessa-Oliveira, 2018), e ressaltando que essa se configura como meu bio-lócus. Essa proposta encontra-se pautada na crítica biográfica fronteiriça, por meio de uma discussão à luz das conceituações de Edgar Cézár Nolasco, Boaventura Santos e de Walter Mignolo em diálogo com autores arrolados a essa conversa: Ramon Grosfoguel (2010), Gloria Anzaldúa, (2007), Frantz Fanon (2008).

Palavras-chave: Corpo, crítica biográfica-fronteiriça, desobediência epistêmica.

ABSTRACT

Aiming at a border-critical-biographical reading about the possibilities of thinking - or episteme - local, we erect this reflection in view that the hegemonic model characterized by scientific doing and modern/colonial reason try to invisible, and disregard, any way of thinking not guided by this scientific reason, and by the historical view of the world. Thus, such a condition points out, as a colonial wound (Anzaldúa, 2007), the permanence of forms of hierarchization of thought, a wound that remains open in border bodies. The reflection on such opportunities that we seek a dialogue, contemplating "transgression as a form of expression" (Santiago, 2019, p. 28), in a critical and political position that points to a confluence with epistemic disobedience, debated by Walter Mignolo, taking this transgression as an expression that is erected from bodies that end up becoming inconvenient (Santiago, 2019). Our intention, in the guise of the theoretical proposals listed, is guided by another thought, as an alternative to hegemonic thought, a decolonial thinking, not as a simple overcoming of colonialism, but as a strategic option, at the same time epistemological, social and political, in order to transgress imposed standards, so as to think about the issue of border inconvenient bodies, as well as my own status as a border body, who deeds to think and write of this/on this Southern border. Thus, we highlight the relevance of weaving the proposed reading, as an epistemology of the South (Santos; Meneses, 2010), which in turn seeks to value local sensitivities, histories and knowledge from the Southern border (Bolivia, Brazil, Paraguay), affirming its bio-geographic condition (Bessa-Oliveira, 2018), and emphasizing that this is configured as my bio-locus. This proposal is based on frontier biographical criticism, through a discussion in the light of the concepts of Edgar C  zar Nolasco, Boaventura Santos and Walter Mignolo in dialogue with authors listed for this conversation: Ramon Grosfoguel (2010), Gloria Anzald  a, (2007), Frantz Fanon (2008).

Keywords: Body; border biographical critic; decoloniality.

INTRODUÇÃO

O pensamento cr  tico de fronteira   a resposta epistêmica do subalterno ao projeto eurocêntrico da modernidade. Ao invés de rejeitarem a modernidade para se recolherem num absolutismo fundamentalista, as epistemologias de fronteira redefinem a retórica emancipatória da modernidade a partir das cosmologias e epistemologias do subalterno, localizadas no lado oprimido e explorado da diferença colonial, rumo a uma luta de liberta o descolonial em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocentrada. (Grosfoguel, 2010, p. 407).

Daqui em diante, a op o descolonial não   só uma op o de conhecimento, uma op o acadêmica, um domínio de ‘estudo’, mas uma op o de vida, de pensar e de fazer. Ou seja, de viver e com-viver com quem acha que a op o decolonial   a sua e com quem tem encontrado op es paralelas e complementares   descolonial. (Mignolo, 2017, p. 31).

Com este texto, fruto da comunica o por mim realizada, junto a demais expositores, no painel XIII: *Estudios culturales comparados descoloniales: literatura, arte y lenguajes*, do II CONPLA (*Congreso Paraguayo de ling stica aplicada*). Onde pude expor, um recorte, da pesquisa que venho desenvolvendo, sob a orienta o da Professora Dra. Marta Francisco de Oliveira, no Programa de p s-gradua o em Estudos de Linguagens pela UFMS, e no NECC-Núcleo de Estudos Culturais Comparados. Com intuído de erigir uma leitura crítico-biográfica fronteira, acerca das possibilidades de pensamento - ou episteme - local, para refletir a condi o dos corpos inconvenientes fronteiros, bem como minha própria condi o de corpo fronteiro, que ousa pensar e escrever dessa/nessa fronteira-Sul. De tal maneira que, assumo esta como minha op o de vida, pensar, escrever, viver a partir da fronteira-Sul, afirmando minha condi o, sobre tudo “*bio-geográfica* (bio=sujeito, geo=espa o, grafia=narrativa = biogeografias)” (Bessa-Oliveira, 2018, p. 61.), ressaltando desse modo, que essa se configura, como meu *bio-lócus*.

Ao construir aqui tal reflexão, que elege como referencial, um pensamento pautado em um *paradigma outro* (Mignolo, 2003), desobediente, e na esteira do entendimento supracitado, na epígrafe, em que o sociólogo porto-riquenho, Ramón Grosfoguel, traz como apontamento, o pensamento fronteiriço. Onde, o mesmo, elenca a característica, que apresenta a descolonialidade como, “resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade.” (Mignolo, 2017, p. 13).

Tal reflexão oportuniza que busquemos um diálogo, que assim contempla, a “transgressão como forma de expressão” (Santiago, 2019, p. 28), num posicionamento crítico e político, que aponta a uma confluência com a desobediência epistêmica, debatida por Walter Mignolo, tomando essa transgressão como expressão, que se erige a partir de corpos, que acabam por se tornar, inconvenientes (Santiago, 2019). Assim, à guisa das propostas teóricas elencadas, esse intento, como fica perceptível na segunda epígrafe, guia-se por um pensamento *outro*, como uma opção eleita, para ser uma alternativa ao pensamento hegemônico, um pensar descolonial, não como simples superação do colonialismo, mas como uma opção estratégica, ao mesmo tempo epistemológica, social e política, visando transgredir padrões impostos, para assim pensar a questão dos corpos inconvenientes fronteiriços, bem como minha própria condição de corpo fronteiriço, que ousa pensar e escrever dessa/nessa fronteira-Sul.

DA FERIDA ABERTA À CRÍTICA BIOGRÁFICA FRONTEIRIÇA

Mato Grosso encerra em sua própria terra sonhos guaranis

Por campos e serras a história enterra uma só raiz

Que aflora nas emoções e o tempo faz cicatriz

Em mil canções lembrando o que não se diz

Mato Grosso espera, esquecer quisera o som dos fuzis

Se não fosse a guerra, quem sabe hoje era um outro país

Amante das tradições de que me fiz aprendiz

Por mil paixões podendo morrer feliz

Cego é o coração que trai

Aquela voz primeira que de dentro sai

E às vezes me deixa assim

Ao revelar que eu vim

Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai

E às vezes me deixa assim

Ao revelar que eu vim

Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai.

(Rondon; Simões. 1982, s/p.)

A partir da canção que ficou eternizada na voz do cantor e violeiro sul-mato-grossense Almir Sater, e que tem como seus compositores os músicos também de Mato Grosso do Sul, Paulo Simões e Guilherme Rondon, quero pensar, a fronteira, esse entre-lugar, que se estabelece como um local de trânsito, de dentro e de fora. Lócus esse, em que pulsa vida, onde transitam saberes, culturas e discursos que se confluem e criam novos hábitos, pensando a fronteira de forma epistêmica, sem perder de vista, porém, a geografia que aproxima e possibilita trânsitos, tanto físico, dos corpos em idas e vindas ente os países, Brasil/Paraguai/Bolívia, quanto desses hábitos e culturas que vem moldando a vivência dos povos que vivem dos dois lados dessa fronteira geográfica. Tão próximas, que na esteira da letra, exposta na epígrafe, nos recorda que se não fora por conta de uma guerra, poder-se-ia imaginar que grande parte de nosso estado, Mato Grosso do Sul, hoje seria provavelmente, parte integrante do Paraguai.

Uma situação, como a guerra, oficializa uma fronteira geográfica, porém não apaga a vivência transcultural, esse entre-lugar que faz com que, se sinta os efeitos de um processo resultante do projeto da modernidade/colonialidade, que divide, segrega, tenta desvalorizar, culturas e saberes que não advêm das metrópoles coloniais, do centros, que numa oposição inventada, desde a chegada dos europeus nesse continente, legaram a nós, a condição de periferia, de borda, exterioridade, em relação ao lócus em que se encontram, o centro, a interioridade. O que reforça assim a ideia de que “Entre a obediência e a rebelião, como quer Silviano Santiago, e entre a desobediência epistêmica, como quer Walter Mignolo, ambos ancorados em uma opção descolonial epistêmica permitem a inscrição de um lugar crítico fronteiriço de base descolonial” (Nolasco, 2014, p. 18).

O que me faz crer que a opção mais acertada para pautar a reflexão aqui proposta, só pode assim, se dar a partir de uma leitura que contemple e se guie em um pensamento *outro*, ao qual se erige como alternativa ao pensamento eurocêntrico autoritário. Opção essa, que busca, nas palavras de Fanon, “Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem” (Fanon, 208, p. 191). De forma parecida Gloria Anzaldúa falando sobre a realidade vivida por ela na fronteira do México e EUA, descreve que esta fronteira “é uma *herida abierta* onde o Terceiro Mundo se opõe ao primeiro e sangra” (Anzaldúa, 2007 p. 42). Tal contexto influi de maneira significativa no posicionamento artístico latino-americano, como o escritor mineiro Silviano Santiago, aponta que “o artista latino-americano aceita a prisão como forma de comportamento, a transgressão como forma de expressão” (Santiago, 2019, p. 28). Nessa reflexão, o escritor mineiro, aponta a condição do artista latino-americano, que cria a partir de um modelo imposto como padrão, que mesmo quando, “brinca com os signos de um outro escritor, de outra obra” (Santiago, 2019, p. 23), ele o faz com sua criatividade, porém ainda tem sua liberdade tolhida, pelo autor, ou abra original, bem como “a liberdade dos cidadãos dos países colonizados é vigiada de perto pelas forças da metrópole” (Santiago, 2019, p. 27-28).

De forma que ao erigir novos discursos fica latente que essa arbitrariedade, fique perceptível nas criações, pois, como em nossas teorizações fronteiriças, evidenciam “nosso corpo engastado pela fronteira” (Mignolo, 2017, p. 21), de onde emergem reflexões endossadas pelas sensibilidades de mundo e com elas nos impelem a “desprender e pensar nas fronteiras que habitamos” (Mignolo, 2017, p. 20), pensando esse lócus fronteiriço (sendo que a fronteira é pensada aqui de forma epistemológica).

Essa resposta epistemológica, que Edgar C zar Nolasco, cunha de crítica biográfica-fronteiri ca, se configura nas marcas, sensibilidades, geoist rias provenientes da fronteira-Sul. Aqui   relevante expor que, a partir do desenvolvimento dos estudos da crítica biográfica em

confluência com o avanço nos estudos subalternos, pós-coloniais e descoloniais, é cunhado o termo crítica biográfica fronteira. Tomando para si, e para o lócus enunciativo, de onde se erigem discursos e o pensamento fronteira, da qual me coloco como corpo fronteira, que na esteira de Nolasco, junto aos demais membros do Núcleo de Estudos Culturais e Comparados, ousou pensar descolonialmente, tomando para mim uma opção fronteira, que é uma opção epistêmica mais também é uma opção de vida.

A fronteira é meu lócus biográfico.

A fronteira é dentro e fora de mim.

Durante a tarde eu contornei minha angústia. Apesar disso, sinto, mas não posso escrever minha dor.

Eu me aconteço na fronteira, incluindo seu dentro e seu fora, mas sobretudo sua borda rendada e porosa (enjoei da metafísica). (Nolasco, 2019, p. 81.)

Nolasco inferir a fronteira como um lócus biográfico, o estabelece como um local onde pulsa vida. Dessa maneira, diferente da visão dicotômica eurocêntrica, a crítica erigida a partir da fronteira, atende a premissa de (des)pensar a maneira moderna/eurocêntrica, uma vez que permite, superar esta ideia hegemônica que a modernidade sempre pautou, e possibilita que (re)aprenda-se, de modo que, assim, erija-se uma re-teorização, ou uma teorização outra, ou nas palavras de Mignolo: “desatar o nó, aprender a desaprender, e reaprender a cada passo” (Mignolo, 2008, p. 305.) Tal via, como aponta Mignolo, se dá por meio da desobediência epistêmica, vista que ela rompe com o modelo eurocêntrico. Segundo o teórico argentino, a desobediência epistêmica é determinante para um pensamento outro, segundo ele essa opção descolonial “é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento.” (Mignolo, 2008, p. 290).

A razão ocidental produziu um pensamento hegemônico e com isso sustentou dominação colonial/imperial sobre povos de fora da Europa, se baseando na ideia de, superioridade/inferioridade e da racialização, de modo que a desobediência epistêmica é proposta, para que o fazer descolonial, possa se desprender da razão moderna/ocidental, que fomenta uma epistemológica de poder, e busca por padrões das relações socioeconômicas e das subjetividades dos povos.

Ao trazer para essa discussão, a figura de pessoas de pele preta, e indígenas, que, como corpos que foram subjugados, e que mais sofreram com o projeto moderno/colonial, e ainda hoje fica nítido as agruras que homens e mulheres de pele preta, bem como os descendentes dos nativos do continente americano, vêm sendo violentados e excluídos. O projeto da modernidade/colonialidade, criou a figura do índio, quando denominou de Índias Ocidentais, as terras que encontraram com as grandes navegações europeias, tentando categorizar, nações e povos de múltiplas culturas, etnias e troncos como se fossem uma só raça, da mesma forma trataram os africanos capturados e trazidos a força para gerarem riqueza, usado como mãos de obra escravizada.

Tendo assim, a premissa de que “América – como entidade geo-social – nasceu ao longo do século XVI” (Quijano; Wallerstein, 1992, p. 583) como criação da modernidade/colonialidade. A modernidade eurocêntrica nos legou a “Colonialidade”, a qual Mignolo, na esteira do sociólogo peruano, Anibal Quijano, aponta que, “equivale a uma matriz ou padrão colonial de poder, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde atrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a

violência da colonialidade” (Mignolo, 2017, p. 13). Este poder representado na América Latina por nações colonizadoras: Espanha, Portugal, França, Inglaterra e mais a frente pelos EUA.

A colonização pela propagação da Fé e do Império é a negação dos valores do Outro (Camões infelizmente não foi bastante lúcido para perceber que a moeda tem duas faces). A tripla negação do Outro para ser mais preciso. Primeiro: do ponto de vista social, já que o indígena perde a liberdade, passando a ser súdito de uma coroa européia. Segundo: o indígena é obrigado a abandonar o seu sistema religioso (e tudo o que ele implica de econômico, social e político), transformando-se – pela força da catequese – em mera cópia do europeu. Terceiro: perde ainda sua identidade linguística, passando gradativamente a se expressar por uma língua que não é a sua. (Santiago, 2002, p. 225.)

Superar o modo eurocentrado de buscar padrões e monoculturas do pensamento, classificando de maneira binária e forçando uma homogeneização que só empobrece e fragiliza, e bem como vimos ao longo dos anos, que geraram racialização, exclusão, genocídio. O projeto colonial/eurocêntrico/moderno deixou como legado uma ferida colonial, ao fazer uma leitura de Gloria Alzandua, Mignolo aponta como ferida colonial criada pelo colonialismo a legar o lugar de exterioridade. lado extremo ou fronteiroço, a borda criada pela modernidade. O pensar descolonial é o pensamento forjado na América Latina, a partir do desenvolvimento de estudos, pós-coloniais e subalternos, sendo a opção mais acertada para essa reflexão, me impelem a ousar pensar fronteiroçamente, por meio de minhas reflexões e ações, de meu corpo, que é também fronteiroço, negro, subalterno, para assim tornar-me também um “corpo inconveniente” (Santiago, 2019).

A ferida colonial é difícil de curar com -a generosa assimilação- oferecida por quem, desde as instituições, a imprensa, os governos e a educação, continuam (cega e perversamente) afirmando seus privilégios e perpetuando a indignidade, a ferida colonial; reproduzindo aquela condição humana que Frantz descreveu como: Os condenados da Terra. (Mignolo, 2005, p. 205).

Como vemos a partir de Mignolo está ferida colonial está incrustada e muitos grupos que emanam poder se privilegiam e querem manter suas benesses, em contrapartida levam a exclusão a grandes grupos da população. O que me faz pensar a respeito de tal discussão, nas palavras do psiquiatra e filósofo político da Martinica, Frantz Fanon: “Desperto um dia em um mundo onde as coisas machucam; um mundo onde exigem que eu lute; um mundo onde sempre estão em jogo o aniquilamento ou a vitória.” (Fanon, 2008, p. 189.). Neste processo de propagação do pensamento moderno a única forma enxergada era baseada em seus próprios preceitos de pensarem, e verem o mundo, como não houve respeito nem reconhecimento pelas formas de democracia indígenas, fossem elas africanas, islâmicas ou outras não-europeias. A forma liberal da democracia é a única aceita e legitimada. As formas outras de democracia são rejeitadas. Se a população não-europeia não aceita as condições da democracia liberal euro-americana, esta é imposta pela força em nome da civilização e do progresso. (Grosfoguel, 2010, p. 483).

As feridas abertas pelo ocidentalismo trouxeram traumas e marcas no corpo e na alma, ainda vivemos na América Latina uma segunda onda de colonização por parte dos EUA e suas políticas que pensavam o continente americano para os americanos, no que a história mostrou que a ideia na verdade era todo o continente para os EUA, foi assim com os golpes e implantações de ditaduras militares que trouxeram mortes e perseguições por todo a América Latina. Na ficção que Silviano Santiago publica em 1981 intitulado *Em Liberdade*, o escritor mineiro usando de um período similar de autoritarismo, porém na época em que Getúlio Vargas estava no poder, ele mostra como ser dissidente podia levar a morte. Autoritarismo, visto por

toda a América Latina, que por meio do patrocínio indireto de governos norte-americanos, espalharam regimes ditatoriais militares, num grande período de uso brutal das forças armadas, com perseguição e extermínio de inúmeras pessoas nos mais variados países desse continente.

Ao pensar no local de onde erijo essas reflexões, como um lócus fronteiriço, e relevante pensar nossa condição e as influências de povos dos países que se fazem vizinhos a unidade federativa em que vivo, Mato Grosso do Sul, de onde se encontra as fronteiras com Bolívia a oeste, e Paraguai ao sul. Essa região fronteiriça, tão próxima de nós, recorda também que, “na região de tríplice fronteira del Este onde xirú, uma palavra portuguesa de origem guarani, [...] mesma palavra que logo após transformações semânticas; pai, índio, mestiço, ladino, paraguaio” (Cabrera, 2013, p. 7).

Damián Cabrera escritor paraguaio aponta que a relação na fronteira tríplice, provoca novas caracterizações além dos conflitos, e este ambiente ele leva para seu livro denominado Xirú (2012). Demonstra como a realidade vivida é matéria prima para a criação literária, e “essa fronteira onde Cabrera gesta Xirú também faz parte dos Lugares outros, espaço de história, memória, dor, línguas e saberes diversos não é encarado por Cabrera” (Lima, 2019, p.3). Pensando do outro lado da fronteira-Sul, Cabrera compõe sua ficção com paisagens e relações que vemos dos dois lados da fronteira, na vida real. A professora e escritora Damaris Lima aponta, sobre a obra de Cabrera, e a sua relação com os estudos descoloniais:

Cabrera compõe sua obra sob a égide dessas reflexões, pois seu romance ilustra o que o mundo contemporâneo tem vivido desde as últimas décadas do século XX: uma realocização de línguas e culturas que se fez possível pelo próprio processo de interconexão global. O que ocorre no cenário desenhado em Xirú é exatamente o que Mignolo considera como processo de mercantilização, contrário aos processos de civilização e cristianização que ocorriam antes do último quarto do século XX. (Lima, 2019, p.3)

As vivências da fronteira-Sul, local onde as relações aproximam nas diferenças, de onde brota saberes e sensibilidades, tanto mais deve ser pensada e valorizada até para novas formas de se pautar teorizações, críticas, econômicas, políticas, “para pensar sobre desvincular para reexistir por meio da preservação” (Mignolo, 2019, p. 7), e erigir assim, uma epistemologia que se desvincule com o modo ocidentalista e contemple as geoistórias, saberes e as vidas que foram oprimidas e silenciadas pela modernidade, contemplando os dois lados das fronteiras geográficas e epistêmicas.

CONSIDERAÇÕES

Não sinto o meu corpo. Não quero senti-lo por enquanto. Só permito a mim existir, hoje, enquanto consistência de palavras. Santiago. 1994, p. 25.

Ao chegar as conclusões deste texto, me detém um sentimento, de que muito ainda, deve se almejar, e se debruçar, em busca de reflexões e teorizações de cunho descolonial. Teorizações essas que ousem a desobedecer ao padrão científico moderno/eurocêntrico, e passe a pautar sensibilidades e histórias locais, mesmo aquelas que foram por centenas de anos desconsideradas e diminuídas, histórias contadas de forma orais, que reuniam coletividades de povos, em volta de fogueiras, ou até em meio ao banzo, nas senzalas. Esses saberes passados de gerações em gerações, que foram desconsideradas ao passar pela régua do cientificismo moderno, da razão cartesiana, que considerava apenas o que pensavam dentro dos moldes da visão histórica e da razão científica.

Ainda hoje vemos na academia, aqui no Brasil, e em demais países latino-americanos, que ainda replicam a mesma forma de pensamento eurocêntrico, e desta maneira repetem a mesma exclusão e fechamento a formas de saberes tradicionais, locais. Pensar descolonialmente é também tomar para si, a opção política de levar além dos muros das universidades, para além de nossas pesquisas essa opção de vida, essa opção descolonial, e pensando a partir da epígrafe, com o trecho de Silviano Santiago, do corpo ferido e carregado das dores e agruras de um sistema que historicamente vem se propagando, e mantendo as feridas chagando esses corpos. Desse corpo ferido devem ser corporificadas leituras, reflexões, a própria pesquisa, e munir assim corpos políticos para uma luta que busca avançar, pois “Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista” (Hook, 2017, p. 10).

Deste modo me incluo nessa luta, com corpo e alma, pois essa luta é também diretamente minha, como homem preto, que vive num bairro pobre, periférico de uma capital de unidade federativa que caminha para seus quase um milhão de habitantes. Campo Grande capital de Mato Grosso do sul, cidade onde nasci, que cresce e apresenta os mesmos problemas das grandes cidades brasileiras e latino-americanas. Cidade em que ousou estudar e pesquisar ao mesmo tempo em que trabalho, e junto a minha esposa, lido com a rotina de casa, e com nossas filhas.

Da mesma localidade onde vi amigos de minha geração morrerem frente a violência urbana, e em que muitos não tiveram a possibilidade de chegar a uma universidade. Sigo desobedecendo as normas, que colocam homens pretos como eu como estereótipo de bandido, num país onde “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo” (EMICIDA). Ouso a contrariar as estatísticas e busco ser na esteira de Silviano Santiago, também transgressor.

Se hoje vozes dissonantes, são ouvidas em todo o planeta, movimentos sociais não aceitam mais serem desrespeitados e enfrentam o sistema opressor, que é capitalista/patriarcal/colonial, na esteira de Boaventura Santos devemos levar, nossas pesquisas e reflexões, a se aproximarem das pautas e lutas coletivas numa postura em que “devem aceitar-se como intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar.” (Santos, 2020, p. 14). Dessa maneira num posicionamento político, em vista de assim, propagarmos uma pedagogia revolucionária, de resistência, uma “pedagogia profundamente anticolonial” (Hook, 2017, p. 11), descolonial, numa busca ao coletivismo, dando e recebendo forças e assim fortalecendo nossas pesquisas e dos que batalham/pesquisam junto a nós, pois a final nossa pesquisa roça nosso corpo, “nossa pesquisa tem alma” (Nolasco, 2018, p. 19).

Por fim pensando a fronteira e vivendo a fronteira, a cultura e hábitos que a atravessam, vou seguindo um intento de pensar, teorizar e viver, a partir da fronteira-Sul, Como o hábito que tenho, de conversas ao fim da tarde com amigos, numa roda de tereré, ou mesmo ao comer a saborosa sopa paraguaia, que minha mãe prepara para família, ou ainda a chipa com café logo pela manhã, sigo assim trazendo em minha pesquisa e em meu ser, a minha opção descolonial pela fronteira-sul. (Ferraz; Nolasco, 2021, p. 35)

REFERÊNCIAS

- Anzaldúa, G. (2007). *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books.
- Bessa-Oliveira, M. (2018). *Poéticas de processos artísticos biogeográficos: modos outros de cartografar bio-sujeitos, geo-espacos, grafia-narrativas*. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Tendências Artísticas do Século XXI, v. 1 n. 19 (2018). Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7729> Acesso em: Nov/2021
- Cabrera, D. (2013). *Xiru: el sentido deslocado*. In: Revista SURES, n. 1. UNILA. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/7> Acesso em: nov/2021
- Emicida, L. (2019). *Letra de Ismália. Album: Amarelo*. Laboratorio Fantasma Producoes Ltda Me. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt-br/letras/Emicida-Larissa-Luz-Fernanda-Montenegro/Ism%C3%A1lia-Larissa-Luz-Fernanda-Montenegro> Acesso em: dez/2021
- Fanon, F. (2008) *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.
- Ferraz, D.; Nolasco, E. (2021). *Silviano Santiago e o discurso transgressor latino-americano: um olhar outro a partir da crítica biográfica-fronteiriça*. In: NOLASCO, Edgar C. (org.). O livro do NECC: o projeto de cada um. Campo Grande, Life Editora.
- Grosfoguel, R. (2010). *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). (2010) *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez
- Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes.
- Lima, D. (2019). *Portuguarañol: língua de conhecimento e tradução da fronteira, em Xirú de Damián Cabrera*. In: RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, V. 05, ed. especial, artigo nº 1586. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333806397> Acesso em: nov/20210
- Mignolo, W. (2019). *A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir*. In: MASP e a Afterall Arte e descolonização. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-YC7DF1wWu9O9TNKzCD2.pdf> Acesso: nov/2021
- _____. (2003). *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- _____. (2008). *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf Acesso em: dez/2021
- _____. (2017). *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbsoc/v32n94/0102-6909-rbsoc-3294022017.pdf> Acesso: Dez/2021.
- _____. (2017). *Desafios decoloniais hoje*. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645> Acesso: nov/2021.
- _____. (2005). *La idea de América Latina*. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona, Gedisa Editorial.
- Nolasco, E. (2019). *A ignorância da revolta*. São Paulo: Intermeios,
- _____. (2018). *Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas*. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Tendências Artísticas do Século XXI. Campo Grande – MS: Editora UFMS, v. 01, n. 19.
- _____. (2014). *Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe: entrelugares epistemológicos ao sul da fronteira-sul*. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Silviano Santiago: uma homenagem. v. 6, n. 11. Campo Grande: Editora UFMS.
- _____. (2018). *Descolonizando a pesquisa acadêmica*. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>. Acesso em: Dez/2021
- Quijano, A.; e Wallerstein, I. (1992). *La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial*. In: Revista Internacional de Ciencias Sociales. Vol. XLIV, núm. 4, Catalunya.

Rondon, G; Simões, P. (1982). *Sonhos guaranis, canção do álbum: Doma*. Artista: Almir Sater. Gravadora: Som Livre. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt-br/letras/Almir-Sater/Sonhos-guaranis>
Acesso em: dez/2021.

Silviano, S. (1994). *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Rocco.

_____. (2019). *O entre-lugar do discurso latino-americano*. In: Uma literatura nos trópicos: edição ampliada. Recife: Cepe.

_____. (2021). *Inconveniências do corpo como resistência política*. Disponível em:
<https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_165_web>. Acesso: agosto. 2021.

_____. (2002). *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro, Rocco.

Santos, B. (2020). *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra. Edições Almedina, S.A.

Santos, B.; Meneses, M. (2010). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez.
